

# UMA LEITURA CRÍTICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ABORDAGENS CONCEITUAIS DE ALEXANDER GERSCHENKRON E A CONCEPÇÃO DE CENTRO E PERIFERIA

A CRITICAL READING ON ECONOMIC DEVELOPMENT: CONCEPTUAL APPROACHES OF ALEXANDER GERSCHENKRON AND THE CONCEPTION CENTER-PERIPHERY

Eliete Gonçalves Rodrigues Alves (CEPPAC/UnB) – alves.eliete@gmail.com

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar a abordagem de Alexander Gerschenkron a partir dos conceitos de “atraso econômico” e “descontinuidades históricas”; e a dicotomia desenvolvimento/não desenvolvimento, resultando no conceito de subdesenvolvimento, com a ideia de periferia e dependência, aplicados para os países latino-americanos. Assim, apresentam-se as ideias do economista, suas principais incursões teóricas e aspectos críticos elaborados sobre o processo de desenvolvimento industrial europeu, como estratégia de melhor compreender as visões estruturalistas da CEPAL na América Latina e a percepção que os teóricos cepalinos têm da região, no âmbito das políticas econômicas. Observa-se uma leitura equivocada e simplista sobre a região e seus povos; e a condição de subordinação, desenhada no modelo centro-periferia.

**Palavras-chave:** descontinuidades históricas; atraso econômico; subdesenvolvimento.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the Alexander Gerschenkron approach based on the concepts of “economic backwardness” and “historical discontinuity”; and development / no development dichotomy, resulting in the concept of underdevelopment, with the idea of periphery and dependence applied to Latin American countries. Thus, we present the economist's ideas, its main theoretical incursions and critical aspects elaborated on the process of European industrial development as the best strategy to understand the structuralist visions in Latin America and the perception that theorists has the region in the context of economic policies. There has been a simplistic and erroneous reading of the region and its peoples; and the condition of subordination, drawn on the center-periphery model

**Keywords:** historical discontinuities; economic backwardness; underdevelopment.



## INTRODUÇÃO

Neste estudo, a opção de utilizar a obra de Gerschenkron tem como finalidade focar alguns aspectos sobre o desenvolvimento industrial europeu, a partir de conceitos-chave utilizados pelo autor para descrever e explicar as experiências das economias dos países desenvolvidos e como tais conceitos foram utilizados para explicar o atraso econômico dos países periféricos europeus no processo de desenvolvimento industrial, pensando-se, nesse momento, na segunda fase do que se convencionou chamar de segunda revolução industrial.

O objetivo é apresentar as ideias do economista, suas principais incursões teóricas e aspectos críticos

elaborados sobre o processo de desenvolvimento industrial europeu, a fim de compreender as visões estruturalistas da CEPAL, e a percepção que os teóricos cepalinos têm da América Latina, no âmbito das políticas econômicas desenvolvimentistas.

Nesse recorte, a obra de Gerschenkron (2015) oferece um arcabouço teórico e crítico importante à problematização das propostas estruturalistas cepalinas para o desenvolvimento econômico/industrial da América Latina, cuja análise se concentra nas discussões do autor sobre “atraso econômico” e “descontinuidades históricas”; e no campo teórico construído em torno da dicotomia desenvolvimento/não desenvolvimento, culminando no conceito de subdesenvolvimento, com a ideia de periferia e dependência, aplicados para os países

latino-americanos.

A trajetória do autor tem início na Europa, mas é nos Estados Unidos que sua produção acadêmica ganha corpo, o que não o deslegitima a pensar o campo econômico e político europeu do passado, até as décadas de 1950 e 1960 e, com maestria, até os dias atuais. Pode-se dizer que Gerschenkron escreveu pouco. Todavia, seus textos possuem densidade crítica e metodológica ímpares, ao mesmo tempo em que apresentam conceitos fundamentais utilizados para explicar o crescimento econômico na Europa.

São contabilizados doze ensaios que transitam entre a economia política e a metodologia de pesquisa econômica, produzidos entre os anos de 1952 e 1965, reunidos na obra que ganhou o título de seu primeiro ensaio, “O atraso econômico em perspectiva histórica”, acrescentando-se os “outros ensaios”, como estratégia de reunir em um só ambiente o pensamento do economista (BENJAMIN, 2015).

## MATERIAL E MÉTODO

Este estudo apresenta uma leitura crítica dos doze ensaios de Gerschenkron (1952-1965), resenhando-se as principais ideias do autor, ao mesmo tempo em que procura confrontá-las com as ideias de desenvolvimento industrial desenhadas para a América Latina, no período estruturalista cepalino. As discussões no campo da história econômica giram em torno da teoria da dependência, de Fernando Henrique Cardoso, e do subdesenvolvimento, de Celso Furtado, com os aportes teóricos de Raúl Prebisch e o seu conceito de centro-periferia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alexander Gerschenkron nasceu na Rússia, em 1904. Integrante de uma família burguesa, sua família foi perseguida pela polícia soviética e, em 1920 refugiou-se na Áustria, onde viveu até 1939, quando, então, mudou-se para os Estados Unidos. Em 1948 assumiu uma cadeira no Departamento de Economia da Universidade de Harvard, cadeira que havia sido recusada por Wal Withman Rostow, autor da teoria do etapismo do desenvolvimento econômico e que viria a ser criticado por Gerschenkron mais tarde.

Servindo-se do contexto da expansão do sistema capitalista, ressalta-se, com uma visão voltada para a Europa, Gerschenkron condensa o seu pensamento em vários ensaios, iniciando pelo ensaio mais conhecido – “o atraso econômico em perspectiva histórica”, publicado em 1952. Em 2015, esses estudos foram organizados por Cesar Benjamim, com tradução de Vera Ribeiro, publicados em parceria com a Editora Contraponto e o Centro Internacional Celso Furtado em uma única obra, favorecendo uma melhor compreensão do pensamento do autor. Pode-se dizer que os “Outros ensaios” de Gerschenkron, conferem maior densidade crítica ao trabalho do autor, ao mesmo tempo em que trazem explicações centrais sobre a aplicação de elementos da teoria marxista como chaves explicativas de modelos econômicos díspares, adotados pelos países europeus, e que terminam por uniformizar os processos de industrialização em outras regiões do mundo, inclusive na América Latina.

Com forte viés crítico, construído a partir da história do desenvolvimento industrial da Europa, o autor se preocupa em explicar o atraso econômico dos países europeus – Rússia e Alemanha, individualmente, e da Europa, enquanto região, ao mesmo tempo em que o continente vivencia o grande salto de crescimento industrial na Inglaterra do século XIX. Tais características foram por ele denominadas de “especificidade da industrialização retardatária” (2015, p. 73), conceito apresentado e explicado no seu primeiro ensaio, publicado em 1952.

O campo empírico de Gerschenkron é a Europa do final do século XIX, quando o mundo vivencia os efeitos do capitalismo industrial – a segunda industrialização; nesse contexto, delimita um caso de sucesso, por ele denominado de original – o desenvolvimento industrial da Inglaterra do final do século XIX, confrontando-o com os casos da Rússia e Alemanha, numa abordagem comparativa e numa perspectiva histórica, referindo-se muito pouco sobre México e outras regiões. A partir de então, vai desenhando uma análise histórico-comparativa. No campo crítico, seleciona conceitos relevantes extraídos dos modelos econômicos marxistas, com ênfase para “a luta de classes”, colocada como “motor da história” (2015, p. 10) e no “modo de produção”, que servem de elementos para construção crítica à teoria marxista. Nos ensaios,

tais conceitos gravitam em torno de outros não menos importantes, como os conceitos de “continuidades/descontinuidades da história”; os “pré-requisitos da industrialização industrial”; e serviram para a construção de uma crítica dos modelos de desenvolvimento industrial aplicados como regras universais da Europa para o resto do mundo. O economista cunha o conceito de “atraso econômico” (2015, p. 73) e inicia sua trajetória crítica como economista e historiador.

Não custa reforçar o espaço de fala de Gerschenkron: mudou-se da Rússia para a Áustria, até se refugiar nos Estados Unidos e assumir uma cadeira de professor no Departamento de Economia da Universidade de Harvard. Nessa trajetória, constrói uma visão crítica e realista da passagem do modo de produção feudal ao capitalismo, condensando as principais passagens históricas no ensaio mais conhecido de seu acervo, que daria título a sua obra, publicada em 1952 – “o atraso econômico em perspectiva histórica”.

A necessidade de mudanças radicais na estrutura agrária e a revolução burguesa como requisitos essenciais à construção de economias modernas e industrializadas serviram de contrapontos a Gerschenkron para a criação do conceito de “país retardatário”, aponto-se como um modelo alternativo de desenvolvimento industrial, segundo o qual, o processo de desenvolvimento se dá de maneira abrupta, segundo as especificidades do país e com forte engajamento do Estado, no processo de desenvolvimento.

Gerschenkron foi opositor de Rostow (1961), idealizador da trajetória do desenvolvimento por etapas, ou etapismo, modelo segundo o qual o processo de acumulação de capital, de capacidades gerenciais e de um espírito nacional levaria a uma ruptura com o mundo arcaico, barreira que precisaria ser vencida para se alcançar a autonomia do crescimento, e que se sustentaria no consumo de massas. As regularidades históricas proposta por Rostow, de caráter generalizante, contrapunham-se à proposta de descontinuidades históricas defendida por Gerschenkron; esse debate está no primeiro ensaio (1952).

Não por coincidência, o discurso de Rostow foi fortemente orquestrado na América Latina, fundamentando as teorias cepalinas do desenvolvimento na América Latina,

especialmente a teoria da dependência, de Fernando Henrique Cardoso e Faletto (2010) e, também, os discursos nacionalistas dos desenvolvimentistas das décadas de 1950 e 1960; quando os modelos de desenvolvimento industrial forjados na ideologia do crescimento econômico e desvinculados das realidades foram disseminados ao mundo. Em síntese, a ideia central de cada ensaio, em ordem cronológica de produção, diferente da disposição de organização dos artigos na obra organizada por Benjamin (2015), são:

- O atraso econômico em perspectiva histórica (1952): Nesse ensaio, o autor faz um estudo comparativo e historiográfico dos processos de industrialização na Rússia e na Alemanha, em comparação com a Inglaterra. O referencial empírico é o caso inglês, considerado pelo autor como “caso original de industrialização”, do século XIX; e serve de referencial de sucesso da industrialização europeia nas suas pesquisas, condensadas em outros ensaios. Para tanto, aplica o conceito por ele cunhado – “atraso econômico” e, com base na perspectiva de existência ou inexistência de características presentes no caso inglês, busca definir o grau ou intensidade dos casos selecionados para análise. Segundo o autor, o “atraso relativo” no processo de desenvolvimento industrial da Europa possui interconexão a elementos centrais da experiência original de cada país; elementos esses que resultam de processos historicamente distintos, o que dá o corpo e a especificidade da industrialização ou do atraso econômico, em níveis diferentes, em cada país. Com isso, Gerschenkron abre a possibilidade de pensar o desenvolvimento econômico a partir de paradigmas distintos daqueles propostos pela teoria marxista e seus respectivos elementos – a luta de classes e o modo de produção; e pela teoria rostowiana, fundada nas etapas do desenvolvimento industrial. Pode-se dizer, que os pontos fundamentais desse ensaio é o confronto de Gerschenkron com o determinismo marxista; e com as propostas de Rostow (1961). Segundo Rostow, na trajetória para a modernidade, “a passagem do modo de produção feudal ao capitalista além de acontecer lentamente, por um longo tempo, exigiu profundas mudanças na estrutura agrária e no modo de vida da burguesia, o que chamou de pré-requisitos para a industrialização. Para Gerschenkron, essas

mudanças não poderiam ser consideradas um requisito específico para a modernidade, nem por suas características, tão pouco pelo tempo demandado. Em outras palavras, cada país possui seu processo de industrialização com características próprias; que pode acontecer inclusive de forma abrupta, “queimando etapas”, além de contar, em muitos casos, com o “engajamento do Estado” [...]. A esses países, Gerschenkron chamou de “retardatários”, pois seu processo de desenvolvimento era alcançado de forma descontínua, acelerado e com as peculiaridades históricas respectivas. Com essa tese, contrapôs-se a Rostow, cujo modelo não reconhecia a especificidade dos países retardatários, considerando, este, que a regra geral seria o “surgimento do capitalismo industrial como uma trajetória virtuosa”; um processo de acumulação de capital, de capacidades gerenciais e de um espírito nacional pró-desenvolvimento [...]”; uma trajetória contínua em busca da modernidade, pela qual todos os países deveriam passar (2015, p.11).

Dentre as características particulares do desenvolvimento industrial nos países retardatários, ou de economia atrasada, destacam-se as seguintes características, segundo o autor:

- a)** Maior a possibilidade de haver descontinuidades no processo; que se iniciaria por uma arrancada súbita, e aumento substancial na produção manufatureira; industrialização centrada nas fábricas e empresas de grande porte; maior concentração em bens de capital contrastando com os bens de consumo; e maior pressão sobre os níveis de consumo da população.
- b)** Maior a participação do Estado, que se empenharia em aumentar o suprimento de capitais para as indústrias e a capacitação empresarial, além de exercer maior poder de intervenção na economia.
- c)** Participação ativa da agricultura no processo de industrialização, propiciando a expansão de um mercado baseado no trabalho agrícola.

E, como haveria a ruptura com o atraso? Ou seja, quando, esses países poderiam alcançar a industrialização/modernidade? Segundo

o autor, haveria uma tensão considerável e crescente, capaz de superar os obstáculos do desenvolvimento industrial; e de romper com a “inércia do atraso”: mediante a contribuição dos bancos, enquanto unidades financeiras, tal qual se deu na Alemanha, como um bom exemplo dessa ruptura; aliada à participação do Estado, como fomentador de políticas e de seu claro interesse no processo, por meio da participação ativa, caso da Rússia, muito mais dependente do Estado; o respeito às especificidades de cada país e de cada processo, ou seja, observando-se as respectivas gradações de atraso econômico e a história desses países; e a construção de uma ideologia capaz de sustentar a fé, um “new deal das emoções”, espécie de nacionalismo desenvolvimentista ávido por transformar as estruturas arcaicas e tradicionais, em prol de uma modernidade, mesmo que tardia. Sendo que, “quanto maior o atraso, maior a necessidade de intervenção estatal” (2015, p. 25).

- ◆ O desenvolvimento econômico na história intelectual russa do século XIX (1955): Gerschenkron preocupa-se nesse ensaio em explicar a história intelectual russa, ou história do pensamento social russo. O objetivo é apreender como os intelectuais russos pensavam e que tipo de críticas foram construídas sobre o desenvolvimento econômico da Rússia. Um questionamento levantado pelo autor: por que a Rússia tomou emprestado do Ocidente o socialismo de Bentham? E afirmou: “é muito difícil não associar a propensão peculiar da história intelectual russa ao atraso do país, por vários aspectos”.
- ◆ Atitudes sociais, espírito empreendedor e desenvolvimento econômico (1955): o autor lança-se ao desafio de tentar compreender a importância das avaliações populares – a opinião pública a respeito dos empresários e das atividades empresariais.
- ◆ Reflexões sobre o conceito de pré-requisitos da industrialização (1957): as críticas do autor em relação à uniformização dos pré-requisitos da industrialização tornam-se bem mais incisivas nesse ensaio. Recusa-se a aceitar a ideia de que a história da industrialização da Europa seria uma “mera repetição” da primeira industrialização. Nesse ensaio, outro ponto central de suas abordagens são as descontinuidades específicas de cada país. Segundo o autor, é possível conhecer

ou identificar o início do desenvolvimento industrial a partir da descontinuidade específica, sendo, essa característica um dos pré-requisitos fundamentais do desenvolvimento industrial.

♦ Rússia, padrões e problemas do desenvolvimento econômico – 1861-1958 (1960): esse ensaio está dividido em três partes; a primeira trata da história da arrancada russa rumo à industrialização, na fase pré-revolucionária – década de 1890. A segunda, evidencia o sofrimento do campesinato ante as políticas econômicas do governo no processo de industrialização e a depressão econômica de 1900 e; na terceira parte, o autor descreve as escolhas do governo russo para ocidentalizar o processo de industrialização e como os fatores considerados de atraso econômico foram utilizados pelo governo como estratégia de desenvolvimento industrial.

♦ Rosário Romeo e a acumulação primitiva de capital (1960): Rosário Romeo foi um historiador italiano que realizou o levantamento da contribuição dos marxistas italianos desde o final da segunda guerra e propôs uma interpretação diferente do desenvolvimento industrial da Itália, depois da unificação do país, processo que ficou conhecido como Risorgimento, ou Ressurgimento, no período de 1815 a 1870. Segundo o autor, diferente do que pensou Gramsci, a falta de uma revolução agrária na Itália e a manutenção dos grandes latifúndios foram os fatores fundamentais para o setor tornar-se a fonte de acumulação de capital, fator esse responsável pelo sucesso do desenvolvimento industrial italiano. De forma contrária, nesse ensaio, Gerschenkron critica Romeo por acreditar que a questão da acumulação primitiva no contexto italiano teria sido irrelevante ao desenvolvimento industrial; para o economista, os bancos, antes da década de 1890 na Itália favoreceram a arrancada para a ruptura com o atraso econômico.

♦ Reflexões sobre a ideologia como problema metodológico e histórico (1961): trata-se de um espaço de discussão sobre a ideologia como campo teórico pertinente dos movimentos sociais; um ensaio centrado na importância do rigor metodológico e histórico para o desenvolvimento de pesquisas, nas Ciências Sociais; tema que foi especificamente abordado pelo autor em outro ensaio, em 1965.

♦ Pós-escrito sobre a industrialização europeia (1962): no pós-escrito, Gerschenkron oferece um breve resumo das suas ideias sobre a história industrial na Europa, apontando algumas incoerências, observadas na época oitocentista e o quadro de desigualdade em relação ao grau de atraso econômico. Nesse ensaio, explica os variados modos de iniciar o desenvolvimento industrial e como esses processos distintos moldaram o desenvolvimento industrial na Europa. Esse ensaio se desenvolve em torno de seis proposições da variedade de desenvolvimento.

♦ A tipologia do desenvolvimento industrial como instrumento de análise (1965): as discussões do autor nesse ensaio giram em torno de oito tipologias ou uma análise de variabilidades de desenvolvimento industrial. Para cada caso ou variabilidade, Gerschenkron define um par em oposição: autóctone ou derivado; forçada ou autônoma; concentrada em bens de capital ou em bens de consumo; ocorre em ambiente monetário estável ou inflacionário; envolve apenas mudanças quantitativas ou provoca mudanças estruturais; ocorre em moldes contínuos ou descontínuos; feita em condições de progresso ou de estagnação ou de regressão ao modo agrícola; motivada por objetivos econômicos ou políticos.

♦ Alguns problemas metodológicos em história econômica (1965): o autor enfatiza a importância do cientista social para o desenvolvimento de uma teoria geral que ajude a interpretar e entender os problemas sociais com mais refinamento e aprofundamento, tal qual o trabalho de um psicanalista. Nesse ensaio, o autor enfatiza a importância do cientista social, como ator central do fortalecimento das Ciências Sociais.

Os “Outros ensaios” reforçam e explicam as ideias que Gerschenkron desenvolveu no primeiro ensaio, estruturado em torno do conceito de “atraso econômico” e que abre a coletânea, em primeira tradução para o português, de Ribeiro (2015).

A obra, em seu conjunto, desponta como campo teórico de grande contribuição; e que pode ser confrontado no sentido de analisar as contribuições teóricas latino-americanas para a problematização das Américas. Primeiro, porque o autor russo procura explicar o não desenvolvimento industrial a partir do conceito

de “atraso econômico”, e se refere a processos originais de desenvolvimento industrial para qualificar o desenvolvimento industrial da Inglaterra, em contraposição ao caso da Rússia e da Alemanha. Segundo, porque o economista e historiador prefere falar em especificidades para explicar o atraso econômico desses países e, também, para esclarecer que somente a partir das especificidades de cada país poderia haver uma ruptura com o atraso econômico/industrial.

Assim sendo, enquanto na América Latina fala-se em atraso no sentido de subdesenvolvimento, explicado pelo sistema “centro-periferia”, com Raúl Prebisch (1946; 1961; 1963); o atraso econômico para Gerschenkron é explicado a partir da historicização das realidades de cada país, ou seja, interpretada conforme as vicissitudes dos povos.

No caso da Europa, segundo Gerschenkron, os modelos econômicos marxistas e o modelo rostowiano mais uniformizavam do que correspondiam às reais necessidades do processo de desenvolvimento industrial, sendo, por isso, por ele considerados incompatíveis com a Rússia e a Alemanha, ou seja, não poderiam explicar esses casos; mesmo que, servissem para explicar parcialmente o caso Inglês ou o caso italiano. Ainda assim, não conseguiram explicar o caso italiano em sua profundidade, uma vez que consideravam a acumulação primitiva de capitais o centro dos debates; uma realidade pouco esclarecedora para a Itália, ainda focada nos grandes latifúndios.

Na América Latina, aplicaram-se os padrões de desenvolvimento industrial da Inglaterra e dos Estados Unidos – regiões centrais. Fernando Henrique Cardoso e Faletto (2010) explicam que um dos fatores que levavam a América Latina, e nesse contexto, o Brasil à condição ainda de região subdesenvolvida no quadro da economia internacional era que os projetos de desenvolvimento econômico em voga nesses países não se referiam à realidade do período. Em outras palavras, combinavam elementos arcaicos e tradicionais e traços de uma segunda revolução industrial. Essa tese poderia ser explicada pela proposta etapista de Rostow (1961), que seguiu uma trajetória de sucesso do desenvolvimento industrial. Gerschenkron (1952) explica essa característica como sendo uma especificidade do “atraso econômico”, próprio das nações

que ainda estavam se preparando para o desenvolvimento industrial.

O caso da América Latina ficou quase sempre centrado na ideologia desenvolvimentista, com aporte de capital estrangeiro, por isso dependente; centrada nos bens de consumo, de uma burguesia concentradora; com uma incipiente atenção à reforma agrária; desfocada das especificidades dos países; fundada nos modelos de crescimento econômico europeus – modelo marxista e no etapismo de Rostow (1961), por isso, desconectados das realidades; posicionamentos reforçados por Prebisch, em 1963, extraídos do manifesto de sua autoria, publicado em 1946; em que pese as políticas cepalinas imitaram, de certa forma, os modelos europeus de desenvolvimento industrial, como cita Gerschenkron (1952).

Como a teoria marxista explica então o atraso econômico da América Latina? Adotando a concepção de Gerschenkron, a acumulação primitiva de capital e as lutas de classes são conceitos que demandam uma explicação específica, à luz das realidades de cada país. Por exemplo, na Rússia, a acumulação primitiva de capital, bastante dependente do Estado, seria incapaz de sustentar um processo continuado e consistente de desenvolvimento industrial; o que não aconteceu com a Alemanha; tão pouco com o caso original, a Inglaterra, onde houve maior desempenho das instituições bancárias, como unidades financeiras. Assim, na região europeia, a acumulação primitiva de capital teria explicações diferentes, a depender do país. No caso da América Latina, houve maior investimento de capital estrangeiro, originando o que Prebisch (1946; 1961) denominou de dependência com o centro, trazendo a explicação para a região, a partir do sistema “centro-periferia”, conceito de origem europeia.

Nesse sentido, as críticas de Gerschenkron em relação à teoria marxista reafirmam a necessidade de compreensão individualizada do processo de industrialização; cujas características são explicadas no ensaio “Pós-escrito sobre a industrialização europeia”, escrito em 1962, sempre a partir do conceito de “atraso” e do conceito de “descontinuidade” (2015, p. 215). A arrancada à modernidade dependeria do momento histórico dos países; e da tensão entre atraso e modernidade, como pode ser observado na explicação do economista:

“quanto mais atrasada a economia, maior a ênfase de sua industrialização no grande porte das fábricas e empresas”; ou seja, investimentos seriam destinados para essas unidades de desenvolvimento industrial (2015, p. 24).

Sobretudo na América Latina, a alavancada ao desenvolvimento industrial dependeria da instalação das grandes fábricas no país; assim, a lógica foi abrir espaço para a entrada das multinacionais, aplicando-se os modelos europeus de sucesso, especialmente, o modelo inglês; sem, contudo, observar a questão da mão-de-obra insuficiente, não no sentido da quantidade, mas da qualidade, ou seja, era descapacitada para alavancar o processo de desenvolvimento industrial.

Para FHC e Faletto (2010), um país subdesenvolvido precisaria criar as melhores condições possíveis para o investimento estrangeiro, de modo a acumular suficiente capital para promover a arrancada do desenvolvimento econômico; assim se deu a acumulação primitiva de capital no Brasil. Os governos que se seguiram no Brasil após o golpe militar de 1964 trilharam essa linha de pensamento. Isto é, o governo militar procurou criar, por meio de incentivos, as condições favoráveis à instalação de fábricas e empresas multinacionais no país; então, o capital estrangeiro estabeleceu uma relação de dependência com os países periféricos, tal como explicou Prebisch, em seu manifesto (1946). Relação essa que, segundo FHC e Faletto (2010), era condição necessária para a saída do atraso econômico.

## CONCLUSÕES

Em síntese, as contribuições de Gerschenkron neste estudo abarcam desde o ensaio principal sobre o atraso econômico explicado no caso russo, como os demais ensaios do autor, reunidos na obra organizada por Benjamin (2015), no que diz respeito aos conceitos muito bem elaborados pelo economista para explicar o atraso econômico

na Europa. Segue-se também à postura crítica do autor em relação à teoria marxista e à teoria elaborada por Rostow (1961), cujos elementos centrais – de ambos os campos teóricos – servem à construção do campo teórico que procura explicar o desenvolvimento industrial da América Latina, como se vê nos trabalhos de Raúl Prebisch, Celso Furtado (2000); FHC e Faletto (2010), citados neste recorte analítico.

Assim, formula-se uma breve apresentação conclusiva. Primeiro, a concepção de desenvolvimento industrial pensada para a América Latina, no imaginário do pensamento econômico dominante – forjado no Ocidente – Europa e América do Norte, a partir do sistema “centro-periferia”, apresentado por Raúl Prebisch, sob a forma de Manifesto (1946, p. 1), historicamente posicionou a região em uma relação de dependência e subordinação com os países desenvolvidos. Nesse sentido, construiu-se uma interpretação equivocada da região, afastando-se de uma leitura das especificidades dos povos latino-americanos e de como esses povos veem o desenvolvimento industrial, desde os primeiros momentos.

Segundo, a partir da colocação da região no sistema centro-periferia e a condição desenvolvido/subdesenvolvido, o desenvolvimento industrial da América Latina foi explicado em seu aspecto estrutural – com ênfase para o crescimento econômico. À margem desse processo, vários problemas sociais que solapavam os povos latino-americanos foram silenciados.

Para Gerschenkron<sup>1</sup> (2015, p. 68-95), “a imponente generalização marxista” arrisca-se à lógica de que os países mais “adiantados” são os balizadores da “rota do desenvolvimento das nações mais atrasadas”. Em outras palavras, “o país com a indústria mais desenvolvida”<sup>2</sup> refletiria ao Outro<sup>3</sup> a imagem promissora do futuro. Ponto sobre o qual o economista traça críticas profundas sobre a teoria marxista, acreditando, assim, que esse campo teórico é insuficiente para explicar o desenvolvimento industrial no mundo, sendo uma tentativa de uniformizar um

---

1 Cabe destacar que o autor é historiador, e escreve no cenário acadêmico e político de 1952, quando realiza uma importante discussão sobre o surgimento do capitalismo industrial, onde refuta a opção metodológica marxista e o etapismo de Rostow (1964), segundo o qual todos os países deveriam cumprir passos comuns para alcançar o desenvolvimento, dividindo esse processo em cinco etapas. Posteriormente, segue para os debates contemporâneos em torno da teoria do desenvolvimento como corpo teórico próprio dentro da ciência econômica (BASTOS, MAZAR apud GERSCHENKRON, 2015, p. 9).

processo extremamente complexo nos países tanto europeus como latino-americanos.

Todavia, esclarece Gerschenkron, que a lógica marxista, apesar de universalizante, não é de todo equivocada, por conter “uma meia verdade”: primeiro, porque os países mais atrasados trilharam os caminhos que os países industrializados traçaram para essas nações; segundo, porque os processos de industrialização exibiram diferenças consideráveis entre as nações desenvolvidas e as atrasadas, e esses processos foram marcadamente descontínuos<sup>4</sup>, pontos essenciais a serem considerados numa abordagem do processo de desenvolvimento industrial dos países periféricos.

Para explicar as discontinuidades nos processos de desenvolvimento das nações, Gerschenkron (2015, p. 71) delimita uma diferença fundamental na industrialização dos países desenvolvidos em relação aos atrasados/subdesenvolvidos: no primeiro grupo, a força de trabalho industrial era estável, confiável e disciplinada; e, havia “cortado o cordão umbilical” com a terra, adaptando-se ao trabalho das fábricas; o que não ocorreu nos países atrasados ou, se ocorreu, foi demasiado demorado. Essa também é uma das características do desenvolvimento industrial da América Latina; mas seria, para a Europa, na visão de Gerschenkron, uma especificidade da economia; não uma marca identitária, como se colocou para os povos latino-americanos.

As diferenças do processo de desenvolvimento industrial entre as nações atrasadas e as nações desenvolvidas passaram a ser alocadas conforme pontos específicos dos fatores de produção; com maior expressão, na força produtiva, acompanhando uma acepção determinista.

Contudo, a linearidade proposta nos modelos do centro para as periferias não comportaram, como de fato, não comportam as realidades latino-americanas que, além de desconsiderar o contexto histórico, simplificaram sobremaneira um processo complexo, *per se*.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETO, Enzo. Capítulos 1 e 2 e post-scriptum. IN: **Dependência e desenvolvimento na América Latina**. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FURTADO, C. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento. Em: BIELSCHOWSKY, R. (Orgs). **Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL**. São Paulo: Ed. Record, 2000.

GERSCHENKRON, A. **O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2015.

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas, 1946. In: BIELSCHOWSKY, R. (Orgs). **Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL**. São Paulo: Ed. Record, 2000.

ROSTOW, W. W. **Etapas do Desenvolvimento Econômico: um manifesto não-comunista**. Trad. Octavio Alves Velho. 4a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

---

Recebido em: 11/05/2016

Aceito em: 08/11/2016

---

2 O autor está tratando, de modo geral, do processo de desenvolvimento industrial; não fazendo distinção entre ocidente/oriente; norte/sul, pensando-se em sistema mundo. Todavia, estuda casos específicos de desenvolvimento industrial da Europa, confrontando-os com a Inglaterra, a Rússia, a Alemanha, entre outros. Utiliza, ora as expressões “países atrasados” versus “países desenvolvidos”; ou “desenvolvidos”/“não desenvolvidos”; ou “desenvolvidos/subdesenvolvidos”.

3 O Outro, neste caso, refere-se à possibilidade de subalternizar os países latino-americanos a uma condição de dependência e subordinação, a partir de um projeto de desenvolvimento que invisibilizou as realidades da América Latina. O termo é muito utilizado nos estudos decoloniais e nos estudos subalternos.

4 Sobre a descontinuidade do processo de desenvolvimento, Gerschenkron (73) aponta para uma falta de simultaneidade nos processos, que impede avanços amplos em muitas linhas de atividades que acabam se tornando interdependentes no e do processo de desenvolvimento, por exemplo a criação de ferrovias e a abertura de minas de carvão. Em contrapartida, o autor se preocupa em explicar como se poderia compreender o conceito de continuidade, para que, então, possam ser observados detalhes de descontinuidades nas abordagens de processos históricos. Com isso, esclarece que continuidade pode significar que as “raízes históricas de determinado fenômeno se aprofundam no passado [...]”; ou que “a recorrência periódica numa escala histórica” [...]”; ou, ainda, pode “[...] uma mudança muito paulatina nos fatos históricos”[...] (GERSCHENKRON, 2015, p. 103-104).